

Uma análise da Sociedade de Massa a partir da perspectiva de Hannah Arendt¹

Fábio Abreu dos Passos – IPTAN/UNIPAC

Doutor em Filosofia – UFMG

E-mail - fpassos@mgconecta.com.br

Fone: (32) 3372-4928

Data de recepção: 02/02/2010

Data de aprovação: 04/06/2010

Resumo: O artigo discute as principais características da sociedade de massa, a partir da perspectiva da filósofa-política Hannah Arendt (1906-1975). Assim, nosso objetivo no presente trabalho é analisar, em seus elementos constitutivos, o fenômeno denominado por muitos pensadores de “sociedade de massa”, fenômeno a partir do qual foi erigido o regime político que marcou profundamente a vida no Ocidente: o Totalitarismo que, nossa autora, procurou refletir, principalmente em sua versão nazista. Procuraremos, em nosso artigo, refletir acerca dos primórdios que levaram ao advento das sociedades de massa, sua característica primordial que leva os indivíduos à indiferença aos assuntos de cunho comum, e também sobre como essa sociedade foi o alimento dos regimes totalitários do Século XX.

Palavras-chave: História – Segunda Guerra Mundial – Sociedade de Massa – Totalitarismo

¹Esse artigo foi extraído da Dissertação de mestrado em Filosofia, defendida em março de 2008 na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), sob orientação do Professor Doutor Newton Bignotto, intitulada *A Implicação Política da Faculdade de Pensamento na Filosofia de Hannah Arendt*, a qual trata da compreensão e da explicitação da implicação política da faculdade de pensamento na filosofia de Hannah Arendt. Demonstramos neste estudo que em *situações limite*, nas quais o espaço público inexistente, a *resistência*, fenômeno produzido pelo pensar, constitui-se como uma espécie de “ação política”, pois ela impulsiona a motivação plural, a partir da sua exemplaridade: a não adesão a ações destituídas de significado.

Introdução

Na feitura de uma “massa”, quando essa já está pronta, não se distingue mais os ingredientes que a possibilitaram vir-a-ser: ovos, leite, farinha, fermento transubstanciam-se e perdem sua identidade, sua individualidade, passando agora a chamar-se “massa”. Essa poderia muito bem ser somente a definição de uma das atividades corriqueiras de um chefe de cozinha ou de uma dona-de-casa, mas esta, infelizmente, extrapola o âmbito da culinária e demonstra a perversão que a Era Moderna impõe à condição humana.

Podemos dizer que no decorrer da história da humanidade, sempre existiu, em qualquer sociedade organizada, um número considerável de pessoas apáticas, sem interesse comum no que tange à coisa pública. Mas o que se deve destacar é que nunca houve uma transubstancialização da raça humana em massa, tal como o que houve na modernidade.² Segundo Hannah Arendt, esse fenômeno fomentou um tipo de ser degenerado que vaga pelas ruas das grandes metrópoles como sonâmbulo, que já não pode mais ser chamado de humano. Esse quadro demonstra que a raça humana se caracteriza por sua mutabilidade, podendo alcançar o ápice de “mutação pervertida”, quando ganha as feições do “cão de Pavlov”,³ que somente obedece a estímulos.

Noutras palavras, diz Arendt (2005, p. 242):

Quem aspira ao domínio total deve liquidar no homem toda a espontaneidade, produto da existência da individualidade, e persegui-la em suas formas mais peculiares, por mais apolíticas e inocentes que sejam. O cão de Pavlov, o espécime humano reduzido às reações mais elementares, o feixe de reações que sempre pode ser liquidado e substituído por outros feixes de reações de comportamento exatamente igual, é o 'cidadão' modelo do Estado totalitário; e esse cidadão não pode ser produzido de maneira perfeita a não ser nos campos de concentração.

² Segundo Nádia Souki, “[...] há um traço que distingue as sociedades de massas das multidões dos séculos precedentes: é o fato de que, pela primeira vez, elas já não têm qualquer interesse em comum que possa ligá-las ou qualquer forma de vínculo ou consentimento comum” (SOUKI. *Multidão e Massa – reflexões sobre o “homem comum”* em Hannah Arendt e Thomas Hobbes. In: CORREIA (Org.). 2006, p. 142.

³ A perversão da raça humana alcançou seu ápice nos campos de concentração. Sobre isso, diz Arendt: “We know that the object of the concentration camps was to serve as laboratories in training people to become bundles of reactions, in making them behave like Pavlov’s dog, in eliminating from the human psychology every trace of spontaneity” (ARENDR, 2005, p. 242).

Dessa forma, podemos dizer que o surgimento da sociedade de massa pode ser compreendido como um dos principais momentos de uma história que alcançaria seu apogeu quando o homem viesse a ser reduzido a uma única identidade de reações previsíveis, moldado pelas ideologias totalitárias.

Esse conjunto de referências sociais, que nos dá uma perspectiva da sociedade da Era Moderna, mais pelo grau estatístico do que pelo social, foi construído gradativamente, por processos históricos, que culminaram no advento das massas modernas, uma vez que as massas são reconhecidas pelo grande número de seres supérfluos e, dessa forma, descartáveis.

1. A desarticulação da sociedade de classes: o princípio

Para compreendermos o que vem a ser o fenômeno denominado de sociedade de massa precisamos identificar seu princípio estruturante que, segundo Hannah Arendt, se constitui como sendo a desarticulação da sociedade de classes. Nesse sentido, a unidade estrutural, ou seja, a célula responsável pela formação das massas modernas, identifica-se pela desarticulação da sociedade de classes.

Segundo Arendt, com o esfacelamento dos Estados-nações houve o desaparecimento da estratificação da sociedade, sem a qual um indivíduo não pode ser reconhecido pela camada na qual ele se encontra. Não há mais, a partir desse momento, a luta pelo interesse de uma classe específica. A pirâmide social foi destruída, pela base, em detrimento de uma sociedade de consumo, a qual gerou um profundo desinteresse pela coisa pública. A preocupação pelo interesse de um grupo ou de uma classe foi substituída pela preocupação da sobrevivência de “cada um”. A apatia e a hostilidade pelos assuntos de cunho coletivo estavam inauguradas. Essas fomentaram uma reunião de seres homogêneos e destituídos de representação política, dada a falta de organização da sociedade em classes distintas, na qual cada uma possuía seu interesse específico e todos que formavam essa classe possuíam um interesse comum. Ao contrário, o que se percebe, a partir desse momento, é a existência tão somente de uma busca desenfreada pelo “possuir e consumir” o maior número possível de bens. Não mais havendo o princípio de individuação social, originada pela estratificação social, os homens passaram a formar uma unidade homogênea, na qual não se pode distinguir um indivíduo de outro. Não há mais indivíduos, mas somente seres da mesma espécie.

É desse quadro de desintegração da estrutura social que foi ser recrutada a força motriz que direcionará as massas humanas.⁴ Um exemplo dessa força motriz é aquilo que Arendt chama de filisteu: o burguês isolado de sua classe social, que se preocupa fundamentalmente com seu bem estar e de sua família e que, nessa perspectiva, faz qualquer coisa para manter sua segurança e tranquilidade (ARENDR, 1998, p. 388). O exemplo mais notório do filisteu é destacado por Hannah Arendt em sua obra *Eichmann em Jerusalém*,⁵ na qual nossa autora traça as características de um funcionário banal, extremamente comum, que cumpria ordens como qualquer outro burocrata que estava somente preocupado com as atividades correspondentes à sua profissão.⁶

2. Sociedade de massa e apatia humana

⁴Sobre isso, ver o capítulo sobre *Origens do totalitarismo*, no qual Arendt traça uma análise conceitual acerca do porquê ter havido uma aliança temporária entre a ralé e a elite e como essa aliança funcionou para que as massas fossem conduzidas a tornarem-se o esteio dos regimes totalitários. Assim, segundo nossa autora: “A perturbadora aliança entre a ralé e a elite e a curiosa coincidência das suas aspirações originam-se do fato de que essas duas camadas haviam sido as primeiras a serem eliminadas da estrutura do Estado-nação e da estrutura da sociedade de classes. Se uma encontrou a outra com tanta facilidade, embora temporariamente, é porque ambas percebiam que representavam o destino da época, que seriam seguidas por massas sem fim, que mais cedo ou mais tarde a maioria dos povos europeus estaria com elas – prontos a fazerem a sua revolução, segundo pensavam” (ARENDR, 1998, p. 387).

⁵Eichmann pode ser considerado como o protótipo, a personificação do homem de massa, sem grandes motivações – um sujeito fracassado aos olhos de sua classe social –, que ao filiar-se, sem saber muito o “porquê”, ao *Partido Nacional Socialista*, teve a oportunidade de “entrar para história”, ao participar de uma “grande tarefa que acontece uma vez a cada dois mil anos”. Esse indivíduo, cuja maior patente alcançada dentro dos quadros da SS – Polícia Secreta Nazista – foi a de tenente-coronel, declarou que somente teria ficado com a consciência pesada, se não tivesse obedecido às ordens do Führer – Adolf Hitler –, e que, para isso, teria matado o próprio pai caso fosse preciso. Para Eichmann, a “Solução Final”, perpetrada contra os judeus, *era simplesmente um trabalho*. Essa figura pateticamente “comum” fez-se presente aos olhos e à compreensão de Hannah Arendt, por ocasião do julgamento, ocorrido na década de 60, quando o oficial nazista Adolf Eichmann – acusado de participação nas mortes de milhares de judeus em campos de concentração – foi levado ao tribunal de Jerusalém para responder às acusações, entre outras, de “crime contra o povo judeu” e “crime contra a humanidade”. O que chamou mais a atenção de Hannah Arendt durante o julgamento de Eichmann foi sua completa incapacidade de se posicionar no lugar do outro, bem como sua adesão irrestrita a clichês e frases prontas, que têm como tarefa principal blindar o indivíduo da forte e irresistível luz da realidade. Sobre isso, ver Arendt, 1999, p. 43ss.

⁶Segundo André Duarte, “Arendt distingue entre o ‘burguês’ propriamente dito, pertencente à classe industrial alemã, e o ‘filisteu’, definido como o ‘último e já degenerado produto da crença do burguês na suma importância do interesse privado’. O filisteu é o ‘burguês isolado da sua própria classe, o indivíduo atomizado produzido pelo colapso da própria classe burguesa [...], o burguês que, no meio das ruínas do seu mundo, cuidava mais da própria segurança e estava pronto a sacrificar tudo a qualquer momento – crença, honra, dignidade – à menor provocação [...] Arendt recorrerá justamente ao modelo conceitual do filisteu em sua análise do caso Eichmann, o funcionário responsável pela organização burocrática da deportação em massa para os campos de morte. Um dos aspectos centrais ressaltados por Arendt será justamente o de que Eichmann era exatamente aquele tipo de homem que, ‘quando sua ocupação o força a assassinar pessoas, ele não se vê como um assassino porque não o fez por suas inclinações, mas por suas capacidades profissionais’” (DUARTE, 2000, p. 50 e 51).

A partir do que dissemos em nosso texto, evidencia-se que a sociedade de massa, na perspectiva arendtiana, em função de abranger um grande número de indivíduos que não possuem nenhum tipo de interesse comum, caracteriza-se por ser uma reunião de pessoas que nunca se filiarão a um partido político ou a um conselho de bairro, pois lhes falta o ingrediente que possa agregá-los em uma ação conjunta. Ou melhor, falta-lhes a certeza de pertencerem a um mundo comum, impregnado de interesses comuns que, para sua manutenção, depende, prioritariamente, do poder que emana da ação conjunta.⁷ Essa assertiva demonstra que o mundo não mais os agrega, ou seja, o mundo não mais é visto como o lar pertencente “aos homens” e, para continuar a sê-lo às gerações futuras, é necessário preservá-lo: em suas instituições, leis, prescrições morais, tudo o que junto forma o artifício humano chamado mundo.

Nesse sentido, a partir das análises arendtianas, podemos dizer que as pessoas, nas sociedades de massas, mantêm algum tipo de relação que não pode ser chamada de ação conjunta. Falta-lhes um sentimento que as agregue em um interesse comum, que as faça abdicar de seus desejos particulares em prol de algo de cunho coletivo. Essa falta de referência comum faz com que haja uma desarticulação e desinteresse pelo mundo comum, levando os homens a se sentirem desenraizados e supérfluos, pois não possuem a consciência de pertencerem a um mundo habitado pela pluralidade e sua presença na vida é simplesmente notada como mais um número de uma espécie que não para de crescer e multiplicar. Mais do que isso, não possuem nenhum tipo de consciência da importância de se realizar ações que visem à preservação da vida na Terra.

⁷Sobre esse tema, há um interessante estudo que procura aproximar as concepções de Hobbes e Arendt acerca da distinção entre multidão desorganizada e destituída de interesse comum e o povo, que se constitui a partir de um interesse que abrange a todos. Nessa perspectiva, segundo Souki, para Arendt, Hobbes é um autor político de extrema importância, o qual deve ser visitado para que se possa lançar luz sobre os problemas contemporâneos da esfera pública. Nesse sentido, e fundamentalmente no que tange à questão das massas em oposição ao povo, diz Nádia Souki: “No amplo quadro descritivo do homem da massa, um forte ponto em comum dessa nova modalidade humana converge para as características descritas por Hobbes nas multidões: o desenraizamento, o isolamento, a falta de comunicação e a falta de representação política”, que não possuem um senso de coisa pública, pois não conseguem ver o mundo pela multiplicidade de perspectivas, mas somente pela uniformidade da visão do homem massa, preso a seus interesses, o que não acontece com o povo, propriamente dito (SOUKI. *Multidão e Massa – reflexões sobre o “homem comum”* em Hannah Arendt e Thomas Hobbes. In: CORREIA (Org.). 2006, p. 141). Ver também HOBBS. *Leviatã*, capítulos XVI e XVII, principalmente quando esse autor diz que “Mesmo que haja uma grande multidão, se as ações de cada um dos que compõem forem determinadas segundo o juízo individual e os apetites individuais de cada um, não poderá esperar-se que ela seja capaz de dar defesa e proteção a ninguém, seja contra o inimigo comum, seja contra as injúrias feitas uns aos outros [...] A única maneira de instituir um tal poder comum, capaz de defendê-los das invasões dos estrangeiros e das injúrias uns dos outros, garantindo-lhes assim, uma segurança suficiente para que, mediante seu próprio labor e graça aos frutos da Terra, possam alimentar-se e viver satisfeitos, é conferir toda sua força e poder a um homem, ou a uma assembleia de homens, que possa reduzir suas diversas vontades, por pluralidade de votos, a uma só vontade” (HOBBS, 1987, p. 142 a 144).

Essa ausência de consciência no que diz respeito ao fato de se habitar um mundo governado pela pluralidade traz em seu cerne o risco do aniquilamento da relação do homem consigo mesmo a partir da perda do referencial da pluralidade, a qual é característica principal e fundante de um mundo de aparências. Não mais havendo a certeza de pertencer ao mundo fomentado pelo “nós”, a relação do homem consigo mesmo, que transforma toda unidade em dualidade a partir da atividade de pensar – o diálogo do eu consigo mesmo – é posta em perigo. Isso se deve ao fato de que o sentimento de desenraizamento configura-se como consequência inevitável da ruptura com a realidade e, concomitantemente, da perda da capacidade de poder ativar a faculdade de pensamento que busca a significação da vida vivida. A pluralidade, que segundo Hannah Arendt é “a lei da Terra” (ARENDR, 1992, p. 17), diante do quadro constituído pelas sociedades de massa, é constantemente ameaçada pela emersão do homem de massa que, dada a sua homogeneidade de ações e palavras, as quais se fundam no fato de que a vida é vista por uma única perspectiva, faz com que a relação do homem consigo seja posta em xeque, acarretando, conseqüentemente, a ameaça de se perder o significado do que seja a vida na Terra, em seu sentido *stricto*.⁸

O que queremos dizer com essa análise conceitual da compreensão arendtiana da Era Moderna é que o pano de fundo que caracterizou o século XX inaugurou um tipo de homem nunca antes conhecido, que atende pelo nome unívoco de “massa”: homens massificados e moldados ideologicamente para “agirem” dentro do plano traçado para eles. Assim, segundo Arendt, as massas são:

[...] pessoas que, simplesmente devido ao seu número, ou à sua indiferença, ou a uma mistura de ambos, não se podem integrar numa organização baseada no interesse comum, seja partido político, organização profissional ou sindicato de trabalhadores (ARENDR, 1998, p. 361).

⁸A esse respeito, diz Nádia Souki: “[...] há uma situação extrema a que se chega pelo desenraizamento, é quando este atinge a relação do homem consigo mesmo, configurando uma perda do interesse por si próprio, uma espécie de ‘frieza em relação a si próprio’. Essa é a nova qualidade da frieza social que Arendt relaciona a uma cultura da ‘perda de si mesmo’ dos indivíduos desarraigados e egocêntricos. Essa chocante realidade em que se observa um ‘enfraquecimento do instinto de autoconservação’ decorre da consciência que os indivíduos têm da própria superfluidade e dispensabilidade” (SOUKI. *Multidão e Massa* – reflexões sobre o “homem comum” em Hannah Arendt e Thomas Hobbes. In: CORREIA (Org.). 2006, p. 143).

Essa indiferença e apatia política podem ser vistas como uma depravação da condição humana, pois faz com que o homem abdique de suas capacidades mais sublimes, tais como a livre iniciativa e a ação conjunta. Uma vez que, devido a sua recusa em participar da esfera pública, esse homem massificadamente preso a clichês e frases prontas – que têm como objetivo funcionar como uma espécie de cinturão que impede a realidade de ser “real” –, não toma em suas mãos a iniciativa de criar o novo, deixando que sua vida siga as linhas de um determinismo inexorável, seja da natureza ou da história.

É esse indivíduo massificado que será o “princípio e o fim” do totalitarismo, pois é a partir dele que se abrem as possibilidades de um regime de governo nunca antes experienciado. É para garantir o domínio total que se deve procurar “aperfeiçoar” o homem da massa, fazendo com que ele, cada vez mais, transforme-se em um ser coeso e de atitudes previsíveis. Assim, as massas serão a força que irá alimentar a máquina totalitária para alcançar seu objetivo de dominação e transformação total da raça humana.

Portanto, a ruptura com a realidade pode ser compreendida como o primeiro elo na cadeia de fenômenos, tais como a vitória do *animal laborans*,⁹ a massificação humana e o advento da uniformidade de pensamento¹⁰, que culminaram com a crise do século XX e o desinteresse em parar-para-pensar.

⁹Um dos acontecimentos da Era Moderna que levaram à crise ora indicada foi vitória do *animal laborans*. Essa vitória pode ser melhor compreendida quando percebemos, seguindo as indicações de Arendt, que a atividade do trabalho não é capaz de preservar e cuidar do mundo. Assim, vislumbra-se que o século XX mostrou-se como o melhor dos palcos para a vitória do *animal laborans*, pois o consumo e, concomitantemente, a busca do que é útil e necessário tornaram-se as características principais da Modernidade. Isso significa que a atividade que dita a vida humana, a partir desse momento, é aquela que outrora fora relegada à esfera privada, local onde o homem, refugiado da forte luz da publicidade, podia *trabalhar*, ou seja, realizar a atividade que lhe proporcionava a manutenção de sua vida biológica, bem como a da sua espécie. Essa atividade determinística resume-se no metabolismo do corpo humano consigo mesmo, cujo ciclo repetitivo tem como tarefa a manutenção da vida, sendo, assim, apartada do contato com o mundo e da preocupação em se preservá-lo. Contudo, devemos elucidar o fato de que o descuido para com o mundo não se constitui como um fenômeno da Modernidade, pois outros momentos da história também ratificam essa postura diante do mundo, tal como atesta a Idade Média, quando os homens sacrificaram o estar à vontade no mundo por seu desejo de liberdade, ou seja, pelo afã de alcançar a salvação eterna. Assim, segundo Arendt, na Idade Média “a vida terrestre é determinada pela morte, pelo seu fim, pelo fato de ser efêmera e mutável; o bem da vida não pode ser aí encontrado” (ARENDR, 1997, p. 30). Todavia, o descuido para com o mundo alcançou seus limites com o surgimento das sociedades de massa na Modernidade, nas quais os homens voltam-se para a preservação de si mesmos e de sua espécie.

¹⁰O surgimento das sociedades de massa, fomentada a partir da ruptura com a realidade e a concomitante vitória do *animal laborans*, constitui-se em um fenômeno que foi antevisto por pensadores que se empenharam em compreender a sociedade em seu aspecto político-social, após as revoluções ocorridas na França e na América. Alex de Tocqueville pode ser identificado como um desses pensadores e sua influência sob as reflexões arendtianas é notória. Portanto, o que Tocqueville preconiza, em seus estudos, é aquilo que será a característica das sociedades de massa: todos os eventos são vistos por uma única

Considerações Finais

Ao percorrermos as trilhas das análises arendtianas acerca da sociedade de massa, elas nos apontaram para a necessidade de estarmos sempre alertas contra o perigo de um ressurgimento dos regimes totalitários, o qual se encontra na razão de que os germes para tanto não foram de todo extintos. Em outras palavras, “o homem”, essa “cifra” sem identidade, composta de um número gigantesco de pessoas anônimas, que compõem nossas cidades e, conseqüentemente, nossas sociedades de massa, é compreendido como supérfluo, cuja dizimação pode trazer “benefícios” em um mundo cuja “roda da fortuna” continua a girar e aqueles que não têm a capacidade para acompanhá-la devem ser expurgados, como um “tumor maligno” ou um “inseto pernicioso”, pois eles impedem o pleno funcionamento das burocracias modernas.

Assim, como nos adverte Hannah Arendt (1998, p. 511):

As soluções totalitárias podem muito bem sobreviver à queda dos regimes totalitários sob a forma de forte tentação que surgirá sempre que pareça impossível aliviar a miséria política, social ou econômica de um modo digno do homem.

Para que o fenômeno totalitário, diante do qual o espírito humano não possui parâmetros para compreendê-lo e julgá-lo, possa ser superado, faz-se necessário que cada indivíduo resgate as características que lhe são peculiares, ou seja, rompa com o amálgama que o prende e o atomiza. Nesse sentido, as tiranias, os despotismos, as

perspectiva, é determinada pela uniformidade de pensamentos e opiniões fomentada pela equalização de todos os indivíduos em membros de uma sociedade. Esse fenômeno leva à perda da realidade, pois esta, para ser real necessita ser atestada pela multiplicidade de pontos de vista, pois a pluralidade é a “lei da Terra”. Quando há o esfacelamento do ambiente plural mantenedor da realidade, esta se pulveriza, dando lugar a ilusões e contradições elaboradas por um único ponto de vista o qual é fabricado por um amálgama de indivíduos iguais, que possuem a mesma opinião. A antecipação analítica que faz Tocqueville acerca do surgimento das sociedades de massa pode ser atestada pelas suas próprias palavras: “Passeio meu olhar sobre essa multidão inumerável, composta de seres parecidos, onde nada se eleva nem se abaixa” (TOCQUEVILLE, 1969, p. 362). Nessa ótica, a situação na qual se encontra as sociedades, no seio das modernas democracias, leva-as a uma profunda apatia com relação ao interesse com a coisa pública. Esse retrato, que fora esboçado por Tocqueville e ganhou ares de “arte final” na contemporaneidade, é visto pelo pensador francês como algo singular na história da humanidade, ideia esta que será seguida de perto por Arendt acerca dos eventos do século XX, principalmente o advento dos regimes totalitários. É nesse sentido que diz Tocqueville: “Volto atrás de século em século até a Antiguidade mais remota e nada encontro que se assemelhe ao que tenho diante dos olhos. O passado não mais ilumina o futuro, faz com que o espírito marche nas trevas” (TOCQUEVILLE, 1969, p. 361).

ditaduras e, em nossos termos, os regimes totalitarismos, alicerçados nas sociedades de massa, fracassam onde há instituições livres, que garantam e motivem a plena ativação da faculdade de pensamento. A possibilidade de poder pensar por conta própria e, assim, poder formular perspectivas diversas em relação aos eventos que são percebidos por uma multidão de indivíduos é a melhor barreira que os homens podem construir contra o avanço de regimes de cunho totalitário.

Nesse âmbito de análise, percebemos que o fracasso do totalitarismo somente poderá ser consumado, a partir de atividades de cunho livre, tal como a faculdade de pensamento, que se colocam contrárias à uniformização da sociedade, pois onde quer que haja a constante atividade de pensar, a mais livre das atividades humanas, haverá o escarnecimento de toda tentativa do totalitarismo se sobrepujar ao homem enquanto ser aberto ao novo. E este estar constantemente aberto ao novo significa poder dizer “não”, “resistir” e, portanto, negar-se a agir em concerto, ou seja, em atuar juntamente com aqueles que irreflexivamente aderem a um regime político, sem se preocuparem com o significado do conteúdo normativo que impulsiona seus adeptos à ação planejada.

Referências

- ARENDDT, Hannah. *A vida do espírito: o Pensar, o Querer e o Julgar*. Trad. Antônio Abranches e Helena Martins. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1992.
- ARENDDT, Hannah. *Eichmann em Jerusalém: Um Relato Sobre a Banalidade do Mal*. Trad. José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- ARENDDT, Hannah. *Essays in Understanding: 1930-1954*. New York: Schocken Books, 2005.
- ARENDDT, Hannah. *O Conceito de Amor em Santo Agostinho*. Trad. Alberto Pereira Dinis. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.
- ARENDDT, Hannah. *Origens do totalitarismo*. Trad. Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- CANOVAN, Margareth. The People, the Masses, and the Mobilization of Power: The Paradox of Hannah Arendt's Populism. *Social Research*, v. 69, nº. 2, p. 403-423, Summer 2002.
- CORREIA, Adriano (org.). *Hannah Arendt e A condição humana*. Salvador: Quarteto, 2006.
- DUARTE, André. *O Pensamento à Sombra da Ruptura: Política e Filosofia em Hannah Arendt*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- HOBBS, Thomas. *Leviatã ou Matéria, Forma e Poder de um Estado Eclesiástico e Civil*. Trad. João Paulo Monteiro e Maria Beatriz Nizza da Silva. São Paulo: Nova Cultura, 1987.
- TOCQUEVILLE. *A democracia na América*. Trad. João Miguel Pinto de

Albuquerque. São Paulo: Nacional, 1969.

An analysis of Mass Society from Hannah Arendt's Perspective

Abstract: This paper discusses the main characteristics of mass society from Hanna Arendt's perspective (1906-1975). Thus, our objective in the present work is to analyze in its constitutive elements the phenomenon called "mass society" by many theorists - from which the political system that deeply influenced life in the Western world was built: Totalitarianism described by Arendt in its Nazi version. Our article aims at reflecting about the origins that culminated in the advent of mass society, about its primordial characteristic which causes individuals to show indifference to everyday subjects, and also about the way this society became the support for the totalitarian regimes of the 20th century.

Keywords: History – Second World War – Mass Society - Totalitarianism